

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE

RENATA MOURA

A DANÇA AFRO AO ENCONTRO DA EDUCAÇÃO POPULAR

Porto Alegre
2010

RENATA MOURA

A DANÇA AFRO AO ENCONTRO DA EDUCAÇÃO POPULAR

Monografia apresentada como requisito para a conclusão do curso de especialização em Pedagogia da Arte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. MS. Flavia Pilla do Valle

Porto Alegre
2010

Dedicatória

Dedico este trabalho para as pessoas que muito me ajudaram e me apoiaram nesse momento tão importante para mim.

Primeiramente a minha mãe Eva Teresinha de Oliveira, que foi a pessoa que sempre me incentivou a dançar. A Iara Deodoro que me ensinou a amar a dança afro, aos meu amigos companheiros da caminhada da negritude, a minha primeira orientadora Luciana Prass e claro a minha orientadora atual Flavia do Valle esse trabalho é nosso.

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho, não posso esquecer em primeiro lugar de agradecer a minha primeira professora de dança, minha mãe, que desde de pequena me incentivou a dançar. Lembro que, ainda pequeninha, minha mãe me botava em cima do sofá, para que eu pudesse ficar mais ou menos na altura dela, e me ensinava a dançar, ainda hoje lembro da minha alegria de criança. Quando eu já estava maiorzinha, minha mãe desenvolvia outra técnica, me botava em cima de seus pés, e segurava as minhas mãos, e dançava comigo pela sala, era uma diversão, dessa maneira ela sempre me incentivo a dançar, pretinha sou muito grata por tudo.

Também não posso deixar de agradecer, a pessoa que foi minha professora durante 12 anos em minha vida, lara Deodoro, que carinhosamente sempre foi chamada por todos e todas que passaram por ela, de tia lara.

Foi com a tia lara que cresci aprendendo técnicas de dança afro, como realizar movimentos difíceis, ter seriedade e ao mesmo tempo simpatia na hora de dançar, ter disciplina em um grupo de dança, criatividade na elaboração de uma coreografia, e claro concentração para apreender a diversidade de movimentos.

Obrigada tia lara pela força durante todos esses anos, hoje eu entendo porque tantas vezes fui chamada atenção, pois era necessário eu crescer com responsabilidade, sou muito grata por tudo, com certeza tu fez e faz parte de minha história Axé.

A dança é o meu axé, pois conto minha história com o ritmo dos meus pés.
(Renata Moura)

SUMÁRIO

Resumo	7
1 Introdução	9
1.1 Objetivo Geral	10
1.2 Objetivo Específico	10
2 Cultura Negra e Educação	11
2.1 História dos Negros no Brasil	12
2.2 Histórico das Danças Afro-Brasileiras.....	13
2.3 A Dança Afro e suas Dimensões	14
2.4 Algumas danças Afro-Brasileiras.....	15
3 Projeto Social e a Educação	19
3.1 Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação das Relações Étnico Raciais.....	20
3.2 EREER= Educação das Relações Étnico Raciais.....	21
3.3 O Interacionismo e a Dança Afro.....	22
4 Metodologia.....	24
4.1 População e Amostra.....	25
4.2 Implicações	25
4.3 Instrumentos e Materiais.....	26
4.4 Plano de Coleta de Dados	27
5 Relato e Análise das Aulas.....	28
5.1 Dificuldades.....	28
5.2 Pontos Positivos.....	29
5.3 O Cotidiano.....	30
6 Conclusão.....	31
7 Referências.....	32
8 Anexos.....	34
9 Termo de Uso de Imagens.....	43

RESUMO

Partindo desta motivação, a ação mostrou a complexidade das atividades, e o reconhecimento das educadoras e dos educandos, em questão dos benefícios que as atividades de dança afro. Compreender o grupo como um lugar de observação na realização das oficinas, enxergar o corpo e a etnia, como um lugar de experimentação e conscientização, através de técnicas associadas a uma nova linguagem de ensinar. Com a demanda da lei 10.639/03 contemplar a história do povo negro nos estabelecimentos de ensino, também vai ao encontro, da educação das relações étnicas e raciais. Assim a educação informal, reconhece a necessidade de incluir a dança afro nos planejamentos educacionais de muitas instituições, pois através da dança afro, o educando pode apreender o resgate de sua identidade, se relacionar com o outro e respeitar as diferenças.

Analisar, a partir de diálogos com as crianças nos encontros, que informações eles retêm e estão aptos a lembrar para o grupo sobre a história e o significado do movimento da cultura afro-brasileira. Destacar aspectos relevantes (positivos e negativos), a partir da experiência docente da pesquisadora, que podem contribuir no ensino da cultura e dança afro-brasileira em contextos de ensino semelhantes (condição física, fatores que possam interferir na disponibilidade para participação).

As danças que desenvolver com as crianças, foram Maculelê, para que nós possamos dialogar sobre o que representa o Maculelê, conversar sobre a essência dessa dança, que tem toda uma simbologia, sobre a questão de luta, competição, respeito, confiança, ancestralidade e muitos outros valores que a dança contempla.

Também trabalhei com o samba de roda, pois essa dança aborda o sistema de circularidade, a brincadeira, a raiz do samba, e a história de como o povo negro começou a transmitir esse ritmo.

Conversamos sobre muitas outras danças afros, mas trabalharei somente esses dois ritmos, que com certeza servirá como uma ponte, a caminho de informação, historicidade e ancestralidade.

Assim contemplamos as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana que tem como propósito a ação educativa de combate ao racismo e à discriminação. Seu princípio encaminha para a “conexão dos objetivos, estratégias de ensino e atividades com a experiência de vida dos alunos e professores, valorizando aprendizagens vinculadas às suas relações com pessoas negras, brancas, mestiças, assim como as vinculadas às relações entre negros, indígenas e brancos no conjunto da sociedade” (Brasília, DF, 2004, p.19). Conforme as Diretrizes,

O EREER é um dos núcleos incluído nas diretrizes curriculares, que trabalha com o processo de inclusão dos educandos entre si, pois é necessário desenvolver técnicas para haver boas relações, nos estabelecimentos de ensino. Ensinando para os educandos as diferenças que existem, e que possam aceitar e respeitadas as mesmas.

Este trabalho de pesquisa é um estudo qualitativo, segundo (CHIZZOTTI, 1995, p.79) o modo qualitativo de pesquisa segue-se de um fundamento de que existe uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, havendo assim uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto”.

A pesquisa aborda aspectos relacionados a dança afro, a ancestralidade, a identidade cultural e a simbologia dos movimentos em oficinas de dança.

Tendo como princípio de conclusão a dança afro como vivência pessoal nos proporcionou, tanto quanto a mim, quanto aos educandos a consciência e o respeito da corporeidade, e permitindo haver um novo olhar para a cultura negra.

Palavras-chave: Dança Afro – Maculelê- Samba de roda- Identidade – Educação

1. INTRODUÇÃO

Primeiramente, peço licença a Agô, pretos velhos e griots para que eu possa contar sobre a pesquisa-ação desenvolvida como trabalho final da especialização em Pedagogia da Arte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2010, e realizada na Restinga, comunidade da zona Sul de Porto Alegre.

A lei 10.639/03, que reconhece a necessidade de incluir a dança afro

nos planejamentos das instituições de ensino, permite ao educando, além do resgate de sua identidade histórica e o respeito às diferenças, conhecer a essência dos movimentos da dança afro.

Como já dizia Freire, não há saberes melhores, e sim saberes diferentes. Esses saberes resultam na conquista de novos conhecimentos, de uma nova linguagem de ensinar. Como as danças de raiz africana e seus contextos, mais especificamente o maculelê e o samba de roda, pode atuar na educação popular de um grupo de crianças inseridas em projetos sociais?

1.1 . Objetivo Geral

Observar a contribuição do maculelê e do samba de roda no contexto de raiz afro-brasileira na educação popular de um grupo de crianças de projetos sociais da periferia de Porto Alegre.

1.2. Objetivos Específicos

- Investigar os processos históricos de criação de estereótipos sociais na dança afro-brasileira, enfocando nas danças de maculelê e samba de roda;
- Analisar, a partir de diálogos com as crianças nos encontros, que informações eles retêm e estão aptos a lembrar para o grupo sobre a história e o significado do movimento da cultura afro-brasileira;
- Destacar aspectos relevantes (positivos e negativos), a partir da experiência docente da pesquisadora, que podem contribuir no ensino da cultura e dança afro-brasileira em contextos de ensino semelhantes;

2. CULTURA NEGRA E EDUCAÇÃO

A amplitude da cultura negra e a escassez de dados , devido à transição que o povo negro passou, durante a escravidão. O que está registrado foi feito graças aos nossos mais velhos, pois essas pessoas que transmitiam a história do nosso povo, de forma oral e não formal, em baixo de uma árvore eram os chamados Griots, eram os sábios das tribos. Desde nossa mãe África, tínhamos um respeito muito grande e simbólico para com os mais velhos, a questão do Iwoleko que significa educação em Yorubá era trazida de pai para filho.

Hoje entendemos que a essência do conhecimento ancestral não acontece somente através de mecanismos das letras, na leitura como reconhecimento em nossa sociedade, mas várias outras experiências corporais e orais, como os contadores de história, os gestos, a respiração e a dança, expressividades oriundas dos povos mais antigos.

Acredito que a inserção da dança afro nos estabelecimentos de ensino lança propostas de acabar com a ideologia do embranquecimento cultural, o qual fomos absorvendo durante esse processo histórico. Afinal o sujeito constrói a si mesmo através das relações que estabelece com o mundo. Segundo Nadir:

“A dança, especialmente na África, desempenha um papel fundamental na vida das pessoas, em suas respectivas culturas, nas quais todo o acontecimento social importante é marcado pela celebração de um determinado ritual expresso com o corpo e através do movimento”. (Oliveira, 2007, p. 85).

Importante destacar que a educação não lida somente com informações que vão diretamente para o consciente, para a mente, mas ela também se preocupa com a educação corporal, ou seja é necessário ter uma preocupação com a postura, com os gestos e movimentos, pois tudo é comunicação, tudo é linguagem. Como também afirma Nadir “É necessário desenvolver técnicas com estratégias para conhecermos melhor o corpo com o qual poderemos futuramente trabalhar.” (Oliveira, 2007, p. 62).

2.1. História dos negros no Brasil

Fazendo uma breve retrospectiva histórica, ao processo de colonização européia, destacando o episódio da escravidão de povos africanos, desterritorializados e seqüestrados para as terras brasileiras, entre o século XVI e XIX, como processo de dominação. Notabilizando este período por perdas significativas, culturais políticas e míticas, dos povos de África, que deixou seqüelas até nossos dias, nós afro-descendentes brasileiros, enfrentando tal situação, povos africanos de várias falanges, Yorubás, Jêjes, Ijexás, Hauças, Nagôs e seus descendentes, instauram uma luta pela liberdade e pela construção de espaços próprios para si, no Brasil. No percurso desta luta infinda, os afro-descendentes constituíram organicamente a cultura brasileira.

“E dentre diversidades de manifestações destas construções de espaços como a arte, a música, o comportamento societal, a culinária, a religiosidade, fortes instrumentos negros de resistência cultural, a dança afro descendente inscreve-se como um legado, construindo corpos movimentos, gestos, posturas corporais e ritmos, que agem em individualidade e coletividade, afirmando-se etnicamente e contando suas histórias” (Oliveira, 2007, p. 25).

Apesar de fragmentada pelo processo de escravidão e dominação, a população de raiz africana preserva e condensa uma sabedoria expressa nos movimentos, nos ritmos e nas cores, nos ritos e sobre tudo, por meio da moralidade transmitida num plano conspirativo. Afinal saber sua origem étnica é importante para aprender sua história e, seu mundo. Desconstruindo aos poucos as intolerâncias culturais.

2.2. Histórico das Danças Afro-brasileiras

A dança assim como a música, é a mais poderosa linguagem universal, já em épocas remotas, dançar era um sacerdócio, prática mística a fim de por o homem em contato com as forças superiores da natureza ou Deus.

A Gênese cita que os hebreus tinham as suas danças sagradas, David dançava nu diante da arca do Senhor, os egípcios dançando ilustravam os movimentos do Zodíaco e dos astros girando em torno do sol, que era representado no centro sobre um altar.

O cristianismo cultivava a dança como manifestação exterior do seu culto em frente do altar, enquanto entoavam cantos e hinos, dançavam. Entre os gregos romanos a dança começou a ser inspirada pelo espírito profano, atingindo à licenciosidade.

Com o decorrer do tempo, os povos fizeram da dança um meio de expressão, oferecendo ao mundo imensa variedade de danças regionais e típicas.

A diversidade de ritmos culturais que existem hoje, são oriunda de uma miscigenação que desenvolveu a identidade cultural do Brasil. Ao longo dos anos a dança de origem africana começou a ser modelada e encaminhada a diferentes estados. Tudo começou a partir do fim da escravidão, e em meados dos anos 20 e 30 do século passado .

Dentre diversidades de manifestações das construções de espaços como a arte, a música, o comportamento social, a culinária, a religiosidade, são fortes instrumentos de resistência cultural negra, a dança afro inscreve-se como legado fundamental a construir corpos, movimentos, gestos, posturas corporais e ritmos, que agem individual e coletivamente, afirmando-se

eticamente e contando suas histórias.

As danças que fazem parte do folclore do povo brasileiro, são cultuadas até os dias de hoje, mas que infelizmente perderam a sua essência, sua origem e sua história, tornando-as propriedade dos povos europeus.

2.3. A dança afro e suas dimensões

Falar de dança afro em primeiro lugar, é falar de Ayò que significa alegria, felicidade em yorubá; é saber encaixar movimento, história, simbologia e ritualidade, pois a dança afro envolve toda uma questão de saudação para com os ancestrais. Quem faz dança afro, sabe da responsabilidade e seriedade, de trazer harmonia na dança, essa harmonia é um convite, para os ancestrais também fazerem parte desse ritual, desse axé, isso chamamos de energia, e energia não se prende, energia circula.

Na dança afro também são trabalhados os valores civilizatórios, nas quais são corporeidade, ancestralidade oralidade, energia vital axé, ludicidade celebração da vida e circularidade. Os movimentos corporais preenchem o espaço por círculos, movimentos diagonais e retas. Havendo assim uma interação corpo e ambiente assim tornando o dançarino e o aprendiz fortes, passando a organizar novos modelos de realidade coreográfica.

A dança afro além de trabalhar com o lúdico e com a história, lida com muitas dimensões, como a corporeidade, liberdade, felicidade, sabedoria e emoção. É necessário estar bem e se sentir bem para estar livre ao dançar, logo a felicidade se manifesta através de sorrisos, criatividade e empolgações com a dança, identificar movimentos novos, ou parecidos é preciso ter sabedoria, isso tudo faz com que nos deparemos com a emoção de dançar dança afro. Essas dimensões foram subsidiadas por todos os autores pesquisados.

Através da dança afro existe a possibilidade de construir uma história coletiva, com os movimentos e diálogos, pois a gente se enriquece e se completa na diferença, fala de uma educanda do projeto.

2.4. Algumas Danças Afro Brasileiras

Felicitas em Danças do Brasil socializa a diversidade de danças afro-brasileiras, como o Malê de Balê, dançada mais nas regiões nordestinas, com o propósito de saudar os deuses africanos, nesse caso os orixás das religiões de matriz africana.

O Maculelê é uma dança tribal, praticado na mesma época que surgiu a capoeira, mas com o objetivo de representar a luta de duas tribos, espelhando a agilidade com as grimas, força nas pernas, e o respeito de uma tribo para com a outra.

O Lundu uma dança excessivamente lasciva e sensual, de origem africana, em princípio, foi uma dança lúbrica e ardente dos negros, tendo depois passado para os salões com feição brejeira, afinal se perdendo na transformação incessante de novas formas, tendo como propósito de saudar um ser superior, como um rei africano, seria uma dança de boas vindas.

A dança do tambor de crioula, muito dançada em São Luis do Maranhão, também originária da África, as mulheres tem como saudação umas para com as outras, o gesto da umbigada, onde elas chocam-se representando uma boa fertilidade, mas a dança em si e toda realizada para um tambor que está tocando durante a dança, esse tambor chama-se Meião que é o tambor mais antigo da tradição africana. O padroeiro dessa dança é o Santo Benedito, pois ele é um santo muito homenageado, claro que não é a toa, São Benedito foi um grande cozinheiro na época da escravidão, e como ele não gostava de saber que muitos escravos não comiam porque desobedeciam seus senhores, São Benedito roubava comida e oferecia para os negros escravizados, houve um dia, que o senhor de Benedito descobriu e levou-o para o tronco, fazendo ele apanhar até morrer, e como ele ajudou muita gente, foi reconhecido como um santo, por sempre ajudar a quem necessitava.

O Axexé é solenidade de caráter litúrgico, em sufrágio da alma da mãe de terreiro. É uma dança realizada ante o cadáver cercado de velas, a qual se prolonga noite a dentro, até a saída do corpo, acompanhando-o até o cemitério,

e abaixa a sepultura. Esse velório é herança africana e enquanto dura são oferecidos banquetes com rito próprio. Após o sepultamento os fieis se reúnem para cantar e dançar ao som de atabaques, durante todo o dia até as 18 horas, quando é concluído o cerimonial.

O Baião Baiano, é uma dança cantada. Criação nordestina, resultante da fusão da dança africana com as danças dos portugueses colonizadores. O baião conhecido como baiano, por influência do verbo baiar, forma popular de bailar. A natureza do baião não sofreu nenhuma transformação em sua peregrinação para outras regiões. Apenas foi alterado em sua forma na migração para o Sul do país, visto que no nordeste após a sua execução, o dançarino convida outra pessoa para o substituir com uma umbigada, enquanto no Sul o convite ao substituto é assinalado com um estalar de dedos, à guisa de castanholas, em direção ao elemento escolhido.

Bambaquerê é uma espécie de baile fandango, de origem africana, ou seja, um conjunto de danças que se executa durante uma noite de folguedo. Dança muito popular no Sul.

Bangulê é tipicamente dos negros, é dançada ao som de puíta, acompanhada de palmas e sapateados, merecendo registro dentre o número de danças mais interessantes do folclore brasileiro.

Bate-Baú é uma dança de ritmo de samba, outrora muito apreciada na Bahia; está hoje em desuso, os negros dançam aos pares, um de cada vez.

Caxambu é uma dança dos negros africanos, do estilo de cucumbis e de Moçambique. Seu nome deriva-se do tambor caxambu, que dirige a dança.

Congo é uma dança considerado auto de origem africana que adapta a coroação dos reis do congo aos moldes da monarquia. Desenvolve um enredo curioso e muito complexo, intimamente ligado a elementos de totemismo.

Jongo é originário da Angola, também conhecido pelos nomes de angona, angoma, angome, pertence ao ramo das danças sagradas, os folcloristas justificam a sua classificação como dança religiosa, contando a seguinte história. O jongo é uma das danças prediletas dos negros, é dançada a céu aberto, em terreiro, à noite, e às vezes, prolonga-se até o raiar do sol.

Maracatu é uma dança coletiva, representa um desfile em homenagem a um rei africano, o séquito compõe-se de rei, rainha, dama da rainha, embaixador, carregador do chapéu de sol, arqueiros, dama do passo, que conduz a boneca, é uma dança de grande efeito coreográfico.

Opanijé é um dos bailados do candomblé gegê-nagô, da Bahia, é uma dança religiosa de origem africana.

Punga dança popular muito apreciada no Norte do país, principalmente no estado do Maranhão. Dançada nos salões, classificada entre as danças de natureza lasciva, principalmente pela umbigada que faz marcação entre os pares. Punga é dançada em roda, o início é assinalado pelo toque de um tambor grande.

As danças que pretendo desenvolver com as crianças, são Maculelê, para que nós possamos dialogar sobre o que representa o Maculelê, conversar sobre a essência dessa dança, que tem toda uma simbologia, sobre a questão de luta, competição, respeito, confiança, ancestralidade e muitos outros valores que a dança contempla.

Acredita-se ter evoluído do Cucumbi antigo folguedo de negros, ou melhor um quilombo, Maculelê foi acolhido por uma tribo indígena e cuidado por eles, pois ele contraía uma doença de pele, mas ainda assim não podia realizar todas as atividades do grupo, por não ser um índio também.

Certa vez Maculelê foi deixado sozinho na aldeia, quando a tribo saiu para caçar. Uma tribo rival aparece para dominar o espaço, Maculelê lutou sozinho contra a tribo rival e, heroicamente, venceu a disputa. Desde então passou a ser considerado um herói na tribo. A dança com os bastões simboliza a luta e a agilidade de Maculelê contra os guerreiros.

Também pretendo trabalhar com o samba de roda, que aborda o sistema de circularidade, a brincadeira, a raiz do samba, e a história de como o povo negro começou a transmitir esse ritmo. O Samba de Roda é um estilo musical tradicional afro-brasileiro, também tem uma associação com a capoeira, é uma dança que é tocada por um conjunto de instrumentos, pandeiros, atabaque, berimbau, viola e chocalho, acompanhado por cantos e palmas.

O samba teria surgido por inspiração sobre tudo de um ritmo africano, o Semba, e teria sido formado a partir de referências dos mais diversos ritmos tribais africanos. A dança com os quadris é um patrimônio da nossa ancestralidade africana.

Conversarei sobre muitas outras danças afros, mas trabalharei somente esses dois ritmos, que com certeza servirá como uma ponte, a caminho de informação, historicidade e ancestralidade.

“A dança dos afro-brasileiros faz viver, reviver, em perpetuação, uma simbologia que transcende ao tempo histórico, desde África até nós, enriquecendo materialidades e imaginários, como formas diversas e dimensões distintas, que envolvem distintos elementos de significação, como o sagrado, o lúdico, o artístico, o social, o educacional, caracterizando-se como manifestação viva de identidade étnica”.(Oliveira, 2007, p. 25).

3. Projeto social e a educação

O Projeto Saci Pererê batizado na comunidade de Caiodê, tendo como significado Alegria de viver, na verdade, é conhecido como Saci Colorado, pois quem o patrocina é o Sport Club Internacional. Esse projeto existe desde 2005, mantendo sempre um compromisso com a inclusão social.

O Saci Colorado é um projeto âncora que se divide em ações sociais de caráter lúdico, artístico e esportivo e que através, dos educadores sociais inseridos nas comunidades, leva aprendizado e informação às crianças, adolescentes e seus familiares. Tendo como objetivo de reduzir os níveis de evasão e de violência nas escolas, promovendo a inclusão social e resgatando a auto-estima dessa população, transformando sua realidade social.

(www.internacional.com.br)

“ A originalidade não está no fantástico, mas no novo uso de coisas conhecidas.”(Democracia e Educação, 2003, p.123)

Com a dança afro, pensei em uma técnica que pudesse desconstruir barreiras corporais, como baixa-estima, complexo de inferioridade, discriminações raciais, que as crianças apreendem na sua infância, principalmente no cotidiano escolar.

Logo vamos ao encontro da educação pela linguagem corporal enquanto estratégia fundamenta um conjunto de atitudes entrelaçadas, cuja finalidade é a conquista de espaços onde a identidade sócio cultural do povo negro seja preservada, dando sentido à sua própria vida.

A dança afro é um instrumento necessário para realizar uma socialização com a comunidade, portanto, gerar o equilíbrio do ser humano, emoção, intelecto e espírito é de extrema importância para esse aprendiz. Como nos diz Cunha:

“Tanto as aulas quanto o desenvolvimento de coreografias devem refletir prazer, que certamente advém pela conquista, ainda que lenta, do controle corporal, na busca de uma identidade expressiva”. (Cunha, 1992, p. 12)

3.1. Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação das Relações Étnico- Raciais

Assim contemplamos as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana que tem como propósito a ação educativa de combate ao racismo e à discriminação. Seu princípio encaminha para a “conexão dos objetivos, estratégias de ensino e atividades com a experiência de vida dos alunos e professores, valorizando aprendizagens vinculadas às suas relações com pessoas negras, brancas, mestiças, assim como as vinculadas às relações entre negros, indígenas e brancos no conjunto da sociedade” (Brasília, DF, 2004, p.19). Conforme as Diretrizes,

“valorização da oralidade, da corporeidade e da arte, por exemplo, como a dança, marcas da cultura de raiz africana, ao lado da escrita e da leitura” (Brasília, DF, 2004, p.20).

Cumprir a Lei é responsabilidade de todos e não apenas do professor em sala de aula. Exige-se, assim, um comprometimento solidário dos vários elos do sistema de ensino brasileiro, tendo-se como ponto de partida o presente parecer, que junto com outras diretrizes e pareceres e resoluções, têm o papel articulador da organização da educação nacional.

Em outras palavras, aos estabelecimentos de ensino está sendo atribuída responsabilidade de acabar com o modo falso e reduzido de tratar a contribuição dos africanos escravizados e de seus descendentes para a construção da nação brasileira; fiscalizar para que, no seu interior, os alunos negros deixem de sofrer os primeiros e continuados atos de racismo de que são vítimas

O ensino de cultura Afro-Brasileira destacará o jeito próprio de ser, viver e pensar manifestado tanto no dia-a-dia, quanto em celebrações como congadas, moçambiques, ensaios, maracatus, rodas de samba, entre outras.

3.2. EREER= Educação das relações étnicos Raciais

O EREER é um dos núcleos incluído nas diretrizes curriculares, que trabalha com o processo de inclusão dos educandos entre si, pois é necessário desenvolver técnicas para haver boas relações, nos estabelecimentos de ensino. Ensinando para os educandos as diferenças que existem, e que possam aceitar e respeitadas as mesmas.

Para trabalhar com as crianças sobre essa questão é necessário ter sempre o que chamamos de “carta na manga”, que são as técnicas e as dinâmicas que vão transmitir o que se deseja, nesse caso a tolerância e o respeito pela diferença. Fazendo com que as crianças deixem de ser escravos do racismo, da indiferença. Que possam aprender a incluir, a serem solidários, a partilharem.

O Sujeito constrói a si mesmo através das relações que estabelece com o mundo, já diziam os Griots, o racismo é a negação da ancestralidade.

3.3. O Interacionismo e a Dança Afro

No interacionismo as estruturas do conhecimento se deparam com a ação do indivíduo sobre o meio social, uma pedagogia relacional. o interacionismo vai afirmar que o mundo simbólico é construído nas interações entre duas ou mais pessoas. Carregando o sentido de compreensão racional da realidade e das interações. Esta racionalização se desenvolve conforme as experiências interativas de vários indivíduos que compõem uma determinada

comunidade (ou instituição, família e grupo de amigos). Portanto, a razão, do ponto de vista interacionista, amadurece no contexto destas experiências, onde os vários enunciados linguísticos são incorporados como significantes e ressignificantes.

Na interação contínua e estável com os outros seres humanos, a criança desenvolve todo um repertório de habilidades. Passa a participar do mundo simbólico dos adultos, comunica-se através da linguagem, compartilha a história, os costumes e hábitos de seu grupo social.

O homem dança para expressar seus sentimentos, suas ansiedades e valores culturais. A dança pode ter uma função ritualística, de diversão ou artística, o educador pela arte do movimento, fornece ao educando oportunidade e alimentos para o seu apetite de conhecer e agir.

Possibilitando uma valorização da criança em sala de aula como pessoa, a valorização dele em si mesmo e de si mesmo. Proclamando a dignidade do corpo livre em movimento. Fazendo com que o educando, descubra a sua sensibilidade, inteligência e criatividade.

A dança afro é um instrumento de expressão pessoal, e de emoção, comunicação tornando também desafiadora, para quem aprende a dança, e para quem dança a dança afro. Pois é preciso saber desvelar o sentido oculto, da dança afro, é preciso expressar o simbolismo que ela traz.

Segundo Oliveira [...] Trabalhar com a dança, ensinar a dança e dançar a dança, e descobrir-se através da dança[...] ensinar dança afro na educação popular, é bastante desafiador, pois é importante lembrar que as crianças já trazem uma educação cultural da família e da escola. Ter a dança afro como instrumento para a educação, é ter consciência que pode haver outras linguagens de ensino. Com os movimentos podemos lançar uma outra forma de ver a educação em si, nela os educandos se deparam com uma novidade, que inclui e educa ao mesmo tempo.

“ Freire pensava numa educação em que fosse em si um ato de criação, capaz de desencadear outros atos criadores.” (Freire, 1983, p.35)

Como eu já havia destacado em outro momento, a dança afro é um instrumento de comunicação corporal, por isso a necessidade de auto educar-se em relação aos exercícios: aquecimento prévio e relaxamento ao encerrar.

Saber diferenciar e enxergar as limitações dos educandos é o papel do educador, ter técnicas descontraídas para trabalhar com essas limitações é sempre necessário, sabendo que existem corpos, tamanhos e origens diferentes.

“Um educador de dança afro, não pode só ser responsável pela técnica, mas de fazer a preparação física para a coreografia” (Cunha, 1992, p. 31).

Ter confiança nos educandos é essencial, para que eles possam ter habilidade e autonomia para criarem uma coreografia Afro. Assim, eles descobrem em si a verdadeira razão de dançar, o prazer, a diversão de transmitir a história de sua origem.

4. METODOLOGIA

3.1. Caracterização da investigação

A pesquisa aborda aspectos relacionados a dança afro, a ancestralidade, a identidade cultural e a simbologia dos movimentos em oficinas de dança. Ela é um estudo qualitativo. Segundo (CHIZZOTTI, 1995, p.79) o modo qualitativo de pesquisa segue-se de um fundamento de que

existe uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, havendo assim uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto”.

A investigação também pode ser vista pela perspectiva da pesquisa-ação, que consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste.

Para Mann (1970:96), a observação participante é uma “ tentativa de colocar o observador e o observado do mesmo lado, tornando-se o observador um membro do grupo de molde a vivenciar o que eles vivenciam e trabalhar dentro do sistema de referência deles”. O observador participante enfrenta grandes dificuldades para manter a objetividade, pelo fato de exercer influência no grupo, ser influenciado por antipatias ou simpatias pessoais, e pelo choque do quadro de referência entre observador e observado.

O objetivo inicial seria ganhar a confiança do grupo, fazer os indivíduos compreenderem a importância da investigação, sem ocultar o seu objetivo ou sua missão, mas, em certas circunstâncias, há mais vantagem no anonimato.

Envolve também uma pesquisa bibliográfica, pois toda a pesquisa deve revisar a literatura existente sobre o assunto para situar as principais idéias defendidas pelos principais pensadores da área.

4.1. População e amostra

A população deste estudo é composta por crianças de faixa etária entre 8 a 10 anos aproximadamente. Estas crianças fazem parte de uma comunidade de baixa renda localizadas na Restinga (Zona Sul), em Porto Alegre/RS. Delimita-se a investigação em duas oficinas ministradas pela própria pesquisadora, uma vez que é foco da pesquisa-ação esta dupla atuação, pesquisa e ensino. Cada oficina é composta por aproximadamente 20 alunos em cada.

4.2. Implicações

Como o projeto Saci Pererê com a dança afro estimulou as mudanças observadas nas crianças? O projeto trouxe muitos benefícios para os educandos da comunidade da Restinga, em primeiro lugar, mais opções de atividades para desenvolver durante as horas, que eles estão presentes na instituição do Monteiro Lobato. As atividades lançadas são todas com o objetivo, de abordar a temática negra, sendo elas, capoeira, auto-estima, tranças afro, dança afro, história e cultura hip hop com o grafite.

As crianças passaram a ter interesse, em fazer pesquisa sobre o assunto da questão da negritude, e contribuíram muitas vezes trazendo algum recorte de jornal para socializar com os educadores.

Tivemos o cuidado de não obrigar os educandos a fazer alguma atividade, pois nosso objetivo foi possibilitar à escolha autônoma.

Com as oficinas de dança afro, o público alvo passou a ter conhecimento e aprenderam a diversidade de ritmos que a dança afro tem, obtiveram informações sobre as histórias das danças, como surgiram, onde se manifestaram.

O respeito e o cuidado com o corpo, surgiu durante as atividades, compreendiam a necessidade de fazer o aquecimento e o relaxamento depois de cada oficina, a diferença do movimento da dança afro.

Assim as crianças passaram a ter responsabilidade, seriedade e atenção para o que faziam, os educandos ampliaram seus conhecimentos, de uma maneira descontraída e educativa. Isso tudo serviu para um crescimento psicológico da gurizada e uma consciência para com a temática negra.

4.3 . Instrumentos e materiais

A coleta de informações desta pesquisa se dá através da observação que tem partes registradas em imagem digital (fotografia). Consiste em uma pesquisa de campo que registra as informações em um diário. Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta,

ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles.

As fases da pesquisa de campo requerem, em primeiro lugar, a realização de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em questão. Ela servirá, como primeiro passo, para se saber em que estado se encontra atualmente o problema, que trabalhos já foram realizados a respeito e quais são as opiniões reinantes sobre o assunto. Como segundo passo, permitirá que se estabeleça um modelo teórico inicial de referência, da mesma forma que auxiliará na determinação das variáveis e elaboração do plano geral da pesquisa.

4.4. Plano de coleta de dados

Parte da pesquisa é bibliográfica e digital para coleta e organização das informações contextuais do maculelê e samba de roda. Paralelamente, é organizado junto ao Sport Clube Internacional e a instituição Monteiro Lobato, as questões organizacionais e burocráticas para o oferecimento das oficinas.

Num segundo momento, ao iniciar as oficinas, distribui-se um termo de esclarecimento e autorização aos familiares das crianças para o uso de imagens e dados da oficina na pesquisa. Estes termos são recolhidos e seu modelo encontra-se em anexo.

Durante as oficinas, são colhidas as informações para refletir sobre as metas propostas. A partir de diálogos com as crianças, procura-se analisar a retenção de informações disponibilizadas pela oficina. Para isso, algumas questões são norteadoras para desencadear a conversa, como:

- O que vocês lembram da aula passada? A que significado/simbologia os movimentos da dança tal remetem? Qual o contexto histórico refletido? Que valores a dança nos remete? São importantes estes valores? Por quê? Qual a relação com a nossa vida hoje?

Ainda durante o período das oficinas, logo após a realização das aulas, é anotado aspectos interessantes colhidos a partir da experiência da oficina. Esse registro acontece no diário de campo e visa problematizar outras

questões que emergem da prática.

Durante as oficinas é fomentado o capítulo Relato e Análise das Aulas. Isto é, ao mesmo tempo que se descreve as aulas (suas partes, metas, acertos e erros), se analisa e problematiza as questões educacionais neste contexto em relação as suas especificidades e relação com teorias da educação em geral. É neste capítulo que se articula a teoria e prática.

5. RELATO E ANÁLISE DAS AULAS

5.1. DIFICULDADES

Nas duas primeiras aulas me deparei com uma resistência, as faixas etárias distintas mostraram-se não interessados com novidade da inserção da dança afro no projeto. E até faziam piada em ter esse tipo de dança na instituição, riam como se fosse a coisa mais bizarra do mundo, e faziam demonstrações como seria a dança, era uma gozação só.

No espaço onde iríamos realizar as oficinas de dança, eu iniciava a atividade com uma conversa sobre a cultura negra, e os educandos não mostravam conhecimento, interesse, muito menos respeito sobre o assunto abordado.

Diziam que não queriam dançar, que não gostavam de dançar, foi então que eu destaquei que a atividade era para eles, e que não eram obrigados a participarem, que o meu objetivo era fazer daquele momento, uma oficina

agradável e descontraída, mas realmente seria uma pena, se eles não quisessem, pois iria haver oportunidades de apresentar o trabalho desenvolvido na instituição em outros lugares, e até possíveis viagens. Foi então que os olhinhos brilharam, pois a realidade que eles vivem é bastante difícil, muitos deles nunca saíram da comunidade, e nunca tiveram oportunidade de conhecer lugares diferentes.

A agressividade também foi fator de dificuldade. Brigas,, ações que socos, chutes, ofensas faziam com que a oficina fosse interrompida em diversos momentos.

Podemos compreender o porquê dessa agressividade, pois predomina a cultura do bater para educar, logo as crianças refletem essa ação na instituição.

5.2. PONTOS POSITIVOS

Durante as oficinas a gurizada seguia as regras, depois de beber água voltar para a sala de dança, respeitar os colegas que estavam dançando, não brincar na ora da atividade para que atenção não fosse dispersa.

Existia contribuição de idéias de movimentos, para construção de coreografias, participação ativa do diálogo. Reconheceram-se como seres capazes de criarem e transformarem sua própria história, afirmando-se como sujeitos. A auto afirmação dos educandos, ou seja a conscientização de sua origem, e sua auto- estima elevaram-se ainda mais através da dança e do projeto.

Acredito que houve sim um resgate de identidade dos educandos afro-descendentes, pois como eu havia destacado em outro momento, a dança afro trouxe para eles, um respeito uma seriedade para com a cultura negra.

Em relação à questão da desconstrução de jargões, os termos culturais, percebi uma diminuição, as crianças se flagravam quando as pronunciavam, e ficavam um pouco resabiadas com uma certa preocupação de serem chamadas atenção.

A dança afro proporcionou ao público uma liberdade e uma felicidade, liberdade de poder se expressar psicologicamente, e corporalmente, e felicidade em aprender e apreender o novo, o diferente, ali a alegria se manifestava em cada corpo, em cada olhar, em cada sorriso.

Em questão de transformar relações com os outros, isso com certeza existiu, só no ato de poder socializar um espaço com o outro, já era um efeito da transformação, em poder ajudar a explicar um movimento também era uma ação de relação.

Com o olhar consciente para o mundo, os nossos corpos beneficiavam-se e demonstravam uma linguagem livre. Uma Linguagem que recuperava o valor da cultura negra, assim fortalecendo mais a nossa identidade. Fortalecia em nós um pensamento novo e um grande sentimento de amor pela cultura afro brasileira.

5.3. O COTIDIANO

O cotidiano das oficinas, foram experiências necessárias para o meu crescimento como professora de dança, eu sempre iniciava com uma conversa em um grande círculo, onde trocávamos informações, sobre as danças que conhecíamos, sobre a diversidade que existia, a questão da cultura negra e a realidade que ela se encontra na sociedade.

Logo trazíamos o assunto da igualdade, da inclusão, que o povo negro ainda luta, para ser reconhecido, e inserido no sistema. Dávamos seqüência a atividade, depois partíamos para a expressão corporal, ou seja para a dança, fazíamos o aquecimento, com certeza havia risos, conversas, mas nada que não pudéssemos manter em ordem.

Alguns reclamavam que sentiam dor, em alguns movimentos, do aquecimento e do relaxamento.

Após começávamos a dançar, desenvolver coreografias, levar a sério, a dança afro, o Maculê e o Samba de Roda, serviram como instrumentos para a atividade em si. Ensinei técnicas para aqueles que não sabiam sambar, eles adoravam, a técnica chamava-se ti cutuco não cutuco, e no Maculê ensinei passos de frevo, pois nessa dança é necessário ter muita agilidade e fôlego. Expliquei que na dança tem que haver parceria, pois se desenvolve com a presença do outro.

E encerrávamos com o aquecimento, todos calmos e satisfeitos com o que desenvolviam, sem seguir metodologias padronizadas, formais, metódicas.

6. CONCLUSÃO

A dança afro como vivência pessoal nos proporcionou respeito com a corporeidade, e permitindo haver um novo olhar para com a cultura negra. Concretizei os objetivos, tanto o geral, quanto o específico, sendo o geral observar a contribuição do maculelê e do samba de roda no contexto de raiz afro-brasileira, na educação popular de crianças, na comunidade da Restinga. Objetivo específico se deu através de diálogos, refletimos sobre os processos históricos de criação de estereótipos sociais na dança afro-brasileira, desconstruímos esse hábito cultural, utilizando sempre as danças de maculelê e samba de roda, como as nossas ferramentas de trabalho. Possibilitando autonomia, dos educandos em criarem sua própria coreografia afro.

A atuação e a apreciação da dança afro, trouxeram aos alunos para um envolvimento consciente com o mundo. Constituindo um conjunto de saberes que tornaram-se legítimos em seu contexto de convivência comunitária e educação.

Concluo que sim a dança afro é um instrumento, pedagógico que pode fazer com que, os aprendizes, possam compreender o valor de uma

convivência grupal, abordando a questão das relações étnicas raciais, e ao mesmo tempo, trabalhando com a conscientização e a virtude da cultura negra.

7.REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mario de.**Danças Dramáticas do Brasil**. Belo Horizonte; Editora Itatiaia Limitada, 1º tomo 1982.

ANDRADE, Mario de.**Danças Dramáticas do Brasil**. Belo Horizonte; Editora Itatiaia Limitada, 2º tomo 1982.

ANDRADE, Mario de.**Danças Dramáticas do Brasil**. Belo Horizonte; Editora Itatiaia Limitada, 3º tomo 1982.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo; Editora Cortez, 2º edição 1995.

CUNHA, Morgada, **Dance Aprendendo Aprenda Dançando**. Porto Alegre : Sagra-DC LUZZATTO, 2º edição 1992.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO, **Pro-Posições**.São Paulo; Editor Ana Lúcia Goulart de Faria, Vol.9,n2[26]-junho/1998

FREIRE, Paulo.**Educação como prática da Liberdade**. Rio de Janeiro; Editora Paz, 14º edição 1983.

FERREIRA, Maria ZITA. **Dança Negro, Ginga a História**. Belo Horizonte: Editora Mazza, 2008.

FELÍCITAS. **Danças do Brasil**. Rio de Janeiro:Editora Ediouro, 1987.

GAIARSA, José Ângelo. **A Estátua e a Bailarina**. São Paulo: Editora Ícone , 3º

edição1995.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2001.

MARTINS, Suzana. **A dança de Yemanjá Ogunté**. Salvador: Editora Suzana Maria Coelho Martins, –2008.

OLIVEIRA, Eduardo **David. Filosofia da Ancestralidade**. Curitiba: Editora Gáfica Popular,2007.

OLIVEIRA, Nadir NÓBREGA . **Agô Alafiju, Odara**.Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2007.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SANTOS, Inaicyra F.dos. **Corpo e Ancestralidade: Uma proposta pluricultural de dança** –arte-educação. Salvador. EDUFBA,2002.

SILVA,Luiz Inácio Lula, **Diretrizes Curriculares Nacionais das Relações étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília/outubro 2004

8. APÊNDICES

Aulas de Dança Afro realizadas, sambas de roda, construímos coreografias, e dialogamos.



















UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

O projeto de tese, e a tese em si, desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Pedagogia da Arte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul têm por objetivo estudar a Dança Afro na Educação Popular.

Comprometo-me a respeitar os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho, nunca expondo o aluno a qualquer situação que possa haver qualquer tipo de desrespeito ou exposição, Os dados e resultados desta pesquisa não mencionarão os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, a não ser por solicitação direta deste ou à este aluno. A identidade dos participantes será preservada.

A participação nesta pesquisa não oferece risco aos seus participantes. Se no decorrer da pesquisa algum participante resolver não mais continuar terá toda liberdade de o fazer, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo.

Como pesquisadora responsável por este trabalho me comprometo a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade que eventualmente o participante venha a ter no momento da pesquisa pelos contatos abaixo.

Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa;

Eu, ANA SIMONI DAROS DEON, R.G sob nº 6050178869, responsável pelo aluno da Instituição Centro Infante Juvenil Monteiro Lobato autorizo a participação na pesquisa, envolvendo a coleta de dados através de observações, escritos, diários de campo, e imagens, podendo seus resultados serem publicados desde que preservada a identidade do mesmo.

Ana Simoni Daros Deon
Assinatura do Responsável

Renata Mathias de Moura
Assinatura da Pesquisadora

Porto Alegre, 24 de Fevereiro de 2011.

Dados da pesquisadora:
Renata Mathias de Moura – aluna do Programa de Pós Graduação em Pedagogia da Arte da UFRGS.
Fone: (51) 33118063 e 84335123

e-mail: ayedudu@hotmail.com